

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA - INHIS

IGOR ALBUQUERQUE GUERRA

A cultura da exclusão: homens gays e HIV/AIDS de 1990 a 1999

Uberlândia

2023

IGOR ALBUQUERQUE GUERRA

A cultura da exclusão: homens gays e HIV/AIDS de 1990 a 1999

Trabalho de Monografia do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História

Orientadora: Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa

Uberlândia

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G934 Guerra, Igor Albuquerque, 1987-
2023 A cultura da exclusão: homens gays e HIV/AIDS de 1990
a 1999 [recurso eletrônico] / Igor Albuquerque Guerra. -
2023.

Orientadora: Marta Emisia Jacinto Barbosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
História.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. História. I. Barbosa, Marta Emisia Jacinto, 1973-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

IGOR ALBUQUERQUE GUERRA

A cultura da exclusão: homens gays e HIV/AIDS de 1990 a 1999

Trabalho de Monografia do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História

Uberlândia, 27 de Junho de 2023

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa (INHIS – UFU) – Orientadora

Prof. Ms. Leonardo dos Santos Rodrigues (SEE – MG)

Prof. Ms. Diego Marco Silva Leão

Dedico este trabalho a minha mãe, que nunca
poupou esforços na minha criação e me ensinou a
ser tudo que sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família por todo o suporte, contribuições emocionais em momentos difíceis, principalmente minha “Mama” **Ester** e minhas irmãs **Aline** e **Jaqueline** que sempre foram os pilares principais na minha vida.

Agradeço as orientações da Profa. **Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa** que acreditou nesse projeto e fez uma orientação impecável, sendo precisa nas correções e me ajudando a desenvolver o tema de forma fluida.

Agradeço aos meus amigos por todos os anos de caminhada juntos, nas alegrias, conquistas e decepções. Um abraço especial ao **Paulo Cesar** que foi um dos maiores incentivadores para o início da minha caminhada no curso de graduação.

Agradeço ao meu namorado **Vitor**, que durante todo processo de escrita deu todo o apoio necessário, usando sempre da sua compreensão e sugestões que enriquecendo esse conteúdo.

Agradeço também todos os **colegas** de curso que sempre trouxeram vigor, inteligência, crítica e entusiasmo em todas as discussões em sala de aula.

Agradeço a todos os professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, cujo tive o prazer de aprender, trabalhar e dialogar. (Alcides Freire Ramos, Ana Flávia Cernic Ramos, Ana Paula Spini, **André Fabiano Voigt**, Carla Miucci Ferraresi de Barros, Daniela Magalhães da Silveira, Deivy Ferreira Carneiro, Florivaldo Paulo Ribeiro Júnior, Gilberto César de Noronha, Guilherme Amaral Luz, Ivete Batista da Silva Almeida, Jean Luiz Neves Abreu, Mara **Regina do Nascimento**, Marcelo Lapuente Mahl, Maria Andréa Angelotti Carmo, **Mônica Brincalepe Campo**, Paulo Sérgio da Silva, **Regina Ilka Vieira Vasconcelos**). Um carinho especial para **Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro** que nesse último semestre foi simplesmente espetacular.

RESUMO

A epidemia de HIV/AIDS tem afetado significativamente a população global desde a sua descoberta nas décadas de 1980 e 1990. Nesse contexto, os homens gays são considerados um dos grupos mais afetados pelo vírus HIV e pela doença. Esta monografia tem como objetivo analisar a relação entre homens gays e a AIDS, com foco na prevenção, tratamento e no impacto social causado por essa epidemia. Para isso, foram revisadas literaturas científicas, pesquisas acadêmicas e estudos empíricos relevantes. Analisando representações sociais em jornais, programas de televisão e filmes, traçando um paralelo entre a comunidade LGBTQIA+ onde esses homens estão inseridos, políticas públicas de prevenção e tratamento ao vírus e a concepção religiosa que é presente na sociedade brasileira. Destaca-se a importância de abordagens multidisciplinares e integradas na prevenção, tratamento e cuidado psicossocial de homens gays afetados pela AIDS. É necessário combater o estigma, melhorar o acesso a serviços de saúde e promover a educação e conscientização para reduzir o impacto dessa doença na vida desses indivíduos e na sociedade como um todo.

Palavras-chave: epidemia de HIV/AIDS; homens gays; sociedade brasileira; décadas de 1980 e 1990.

ABSTRACT

The HIV/AIDS epidemic has significantly affected the global population since its discovery in the 1980s and 1990s. In this context, gay men are considered one of the groups most affected by the HIV virus and the disease. This work aims to analyze the relationship between gay men and AIDS, focusing on prevention, treatment and the social impact caused by this epidemic. For this, scientific literature, academic research and relevant empirical studies were reviewed. Analyzing social representations in newspapers, television programs and films, establishing a parallel between the LGBTQIA+ community where these men are inserted, public policies for the prevention and treatment of the virus and the religious conception that is present in Brazilian society. The importance of multidisciplinary and integrated approaches in the prevention, treatment and psychosocial care of gay men affected by AIDS are mandatory. It is necessary to combat stigma, improve access to health services and promote education and awareness to reduce the impact of this disease on these individuals' lives and on society as a whole.

Keywords: HIV pandemic; gay mens; Brazilian society; 1980s and 1990s ages.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1	11
- CONSTRUÇÃO DO HIV/AIDS COMO SUJEITO DA AÇÃO SOCIAL EM PROGRAMAS TELEVISIVOS, JORNAIS, REVISTAS E FILMES.	
CAPITULO 2	31
- ESTIGMA, RELIGIÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: HOMENS GAYS E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE.	
CONCLUSÃO	47
FONTES	49
BIBLIOGRAFIA	52

INTRODUÇÃO

HIV/AIDS no Brasil foi marcada desde os primeiros casos como uma doença causada e proliferada por homens gays, a construção desse perfil preconceituoso é construída de forma gradativa na sociedade e na cultura, trazendo sempre a exclusão como meio efetivo de prevenção, impossibilitando uma discussão clara e efetiva sobre o real problema. Nesse trabalho podemos acompanhar uma proposta sobre essa visão e o porquê ela acontece justamente localizando um sujeito (homens gays) como alvo de uma doença que acomete desde sua descoberta milhões de indivíduos independentemente de gênero, orientação sexual, dentre outras características sociais ou culturais.

Assim podemos analisar as representações dos discursos em programas de televisão, jornais, filmes que nos dão aporte para perceber o quão danoso foi ou melhor é associar uma doença a um grupo de pessoas, pautando essas percepções e as conduzindo ao ponto de cogitar a liberdade dos mesmos. Precisamos com urgência tratar esse tema como de fato é, uma questão geral, social de saúde pública, encarar que precisamos melhorar nossa forma de como relacionar enfermidades não por orientações sexuais e sim com as responsabilidades de comportamentos.

Trazer essa questão nesse momento é importante para podemos refletir e discutir melhores formas de abordagens nas tratativas não somente de pessoas diagnosticadas, mas também falar sobre esse assunto HIV/AIDS, como uma doença existente a quase quarenta anos em nosso país.

Sendo assim vamos acompanhar esses problemas visando compreender quais os caminhos podemos tomar para melhor vivenciar essas questões de convívio, conhecer melhor algumas expressões ainda utilizadas como mecanismo de exclusão e sobre tudo como podemos identificar discursos voltando ao preconceito sobre a doença não para banaliza-la, mas sim para entender que o indivíduo com diagnóstico positivo para HIV/AIDS não é e não pode ser considerado um risco social.

CAPITULO 1.

Construção do HIV/AIDS como sujeito da ação social em programas televisivos, jornais, revistas e filmes.

A epidemia do HIV/AIDS representa um dos maiores desafios enfrentados pela saúde pública no mundo contemporâneo. Desde a sua descoberta na década de 1980, essa doença devastadora tem afetado milhões de pessoas ao redor do globo, causando enormes impactos sociais, econômicos e de saúde. No contexto brasileiro, os primeiros casos de HIV/AIDS marcaram um período crucial na história da doença no país, desencadeando uma série de desafios e transformações na sociedade.

No início da década de 1980, os primeiros relatos de casos incomuns e graves de infecções oportunistas e comprometimento do sistema imunológico começaram a surgir no Brasil. Esses casos foram identificados como sendo provocado pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), o agente causador da AIDS. Essa descoberta abriu caminho para uma nova era na saúde pública brasileira, desafiando a sociedade a enfrentar uma doença desconhecida e altamente estigmatizada.

Os primeiros casos de HIV no Brasil trouxeram consigo uma série de implicações médicas, sociais e culturais. A falta de conhecimento e informação sobre a doença resultou em dificuldades no diagnóstico e tratamento adequados, bem como em estigmas e discriminação enfrentados pelas pessoas vivendo com HIV/AIDS. A sociedade brasileira, ainda desinformada sobre as formas de transmissão e prevenção do vírus, reagiu com medo e rejeição diante dessa nova realidade.

No ano de 1987 o Programa Roda Viva da TV Cultura de São Paulo, da Fundação Padre Anchieta realizou um programa de entrevista e debate sobre a AIDS. Nesta ocasião, o mediador, afirma que não haveria um entrevistado específico no centro do debate, mas a doença AIDS. Utilizamos como ponto de ignição esta discussão do programa Roda Viva de cunho jornalístico que tem a proposta de trazer informações e críticas sobre questões que influenciaram e continuam a influenciar o nosso cotidiano. Com o interesse em problematizar a AIDS e seus desdobramentos sociais início o capítulo enfatizando a maneira em que a AIDS ganhou tratamento em debate televisivo, em espaço de audiência importante na cidade de São Paulo e no Brasil.

Gostaria assim de trazer já nesse momento dois pontos que são importantes (sobre as questões que estamos trabalhando, a AIDS e seus desdobramentos sociais) e posteriormente darei uma maior ênfase. Em primeiro lugar destaco a linguagem adotada ao falar com o público, tanto nas campanhas chamadas de primárias, ou seja, antes da exposição e como de fato a enfermidade era transmitida. Em segundo lugar observar como nosso sistema de saúde (SUS / Sistema Único de Saúde) estava organizado para lidar com uma doença que viria a ser uma constante de cuidados intensivos a cada indivíduo com o diagnóstico.

Sobre a forma de abordar da questão, podemos utilizar de anacronismo para melhor entender, afinal hoje ainda temos comportamentos “repulsivos” quando dialogamos sobre qualquer assunto que permeia a sexualidade dos indivíduos, fato é que depois da década de 1990 o sufixo “ismo” deixou de definir a “grupo social, comunidade” dos homossexuais, conforme determinação da OMS (Organização Mundial de Saúde) o comportamento sobre a sexualidade deixou de ser uma patologia para se tornar uma característica da sexualidade e assim podemos entender o quanto avançamos na área científica e esbarramos em comportamentos sociais que expressam um certo retrocesso e reforços de estigmas de exclusão. Fica claro no exemplar do programa citado acima que naquele momento (1987) que a discussão seria para além da enfermidade e seus desdobramentos na saúde geral da população, naquele momento o embate era sobre ter ou não direito de um tratamento de qualidade, ser integrado ou não socialmente.

Em voga temos as distinções importantes sobre as formas de comunicação, campanhas de divulgação popular com orientações sobre o lugar onde a pessoa infectada com vírus da AIDS deveria procurar atendimento e a necessidade de mudanças de hábitos sexuais a fim de conter futuros contágios.

Pensando as campanhas conforme ideia geral podemos percorrer dois caminhos, primeiro imagino de fato uma linguagem que aborda o público de cada ambiente, quando pensando que diferentes pessoas frequentam diferentes locais, podemos também entender que diferentes mensagens do mesmo assunto podem ser efetivas respeitando seu público alvo, porém fazer distinção da importância sobre as responsabilidades dos atos só mostra a necessidade de culpar alguns indivíduos pela disseminação, por

exemplo: ter um cartaz em um centro de atendimento a pacientes infectados com o vírus da AIDS, informando forma de não transmissão, cuidados diários com a saúde e também de prevenção é considerado útil no convívio e considerado uma importante ação de cidadania. O mesmo cartaz colocado em um estádio de futebol que por sua vez é considerado um local corriqueiramente frequentado por homens heterossexuais poderá causar algum tipo de rejeição e/ou aumento da discriminação dos homens gays facilmente totalizados erroneamente por portarem o vírus?

Relatando as campanhas em si, essa movimentação ganha força somente no ano 1999 junto a publicação do documento “POLÍTICA NACIONAL DE DST/AIDS PRINCÍPIOS, DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS” divulgado pelo Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde e Coordenação Nacional de DST e AIDS que visa de forma abrangente discutir as causas, necessidades de seguir o tratamento, prevenção, comunicação social e direitos humanos.

“Promoção de medidas que assegurem o respeito aos direitos humanos e promoção da saúde mental no contexto da epidemia de AIDS. Em que pese o Brasil ter ratificado a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, somente com a Constituição Brasileira de 1988, podemos afirmar que esses direitos passaram a ser, para o Estado Brasileiro, obrigações jurídicas claras e precisas. Como tal, o Estado Brasileiro precisou criar mecanismos que garantissem e protegessem esses direitos, individuais e coletivos, da pessoa humana. Para otimizar o cumprimento dessa obrigação, a Presidência da República, em 13 de maio de 1996, promulga o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH).”

Bom aqui ficamos com o pensamento bipartido, afinal precisamos de fato adequar as informações para não fomentar a discórdia entre tais “grupos” de indivíduos, não poderíamos somente conscientizar que o vírus de fato não sabe ou não tem poder de escolha de qual indivíduo infectar a não ser aquele que se coloca a exposição? Ou simplesmente condicionamos a sociedade a pensar e replicar que sempre quando falamos no vírus da AIDS a pessoa é um homem gay? Como podemos quebrar essa forte corrente criada e ressaltada com tão veemência nos veículos de comunicação em massa como “câncer gay”.

Para além do peso social que o termo citado “câncer gay” carrega aos indivíduos é importante lembrar que nos primeiros casos notificados da doença foi diagnosticado a

“pneumocystis carinii” que até então somente era verificada em pacientes em estado de câncer avançado, podemos entender melhor no relato de caso “Pneumonia por "Pneumocystis carinii": forma tumoral” publicado no portal Jornal de Pneumologia - SOCIEDADE BRASILEIRA DE PNEUMOLOGIA E FISIOLOGIA em maio de 2000: “Homem branco de 40 anos, vendedor, natural e procedente de Diadema, SP, apresentava há seis meses tosse produtiva, febre vespertina e emagrecimento de cerca de 15kg. Tratado para pneumonia bacteriana comunitária em duas oportunidades com cefalexina (séries de sete e dez dias), sem sucesso. Há dois meses foi constatada a soropositividade para o HIV” aqui então se dá de fato o estereótipo do paciente portador da doença, sempre muito magro e com aspecto de baixa massa corpórea.

Apresentamos algumas manchetes nos jornais impressos em que é possível verificar essa associação entre AIDS e Câncer gay. Temos um breve artigo publicado em 1985 no jornal Grande Rio uma edição de domingo onde conseguimos ver uma página dedicada a notificar sobre o andamento dos casos “Um doente à morte e riscos maldosos em todo o hospital”, “A fatalidade corta um gosto de viver e de tocar violão”, Aids: entre estigma e pânico cresce a incidência.”, “Esta doença não é exclusiva dos homossexuais” ... mas aqui o artigo em questão é “Câncer gay aumentou discriminação tão velha quanto história do homem”.

O artigo então traz justamente o ponto ainda não claro naquele momento, mas que dá o tom de toda uma década de “descomunicação” corroborada por veículos de comunicação, saúde, políticos, sociais reforçando o preconceito sobre os gays homens e os colocando como foco dos indivíduos na doença, como podemos também acompanhar na matéria online publicada no Jornal Da Paraíba em 2020 onde Silvio Osias sintetiza “Na imprensa, os registros iniciais davam conta da existência de um câncer gay.”

Quando o nome AIDS já fora adotado, para a sociedade geral, médica e política o pensamento era: você só pega se for gay. Se não for gay, não tem perigo? Havia a compreensão de que era uma doença com um grupo de risco definido. Depois, tal compreensão foi sendo transformada pelo processo de estudo da ciência e pela luta dos movimentos, como por exemplo: EBGLT (Encontros Brasileiros de Gays, Lésbicas e Travestis), passando ao entendimento de comportamento de risco.” Sendo assim, fica

claro percebe-se que a adoção do termo comportamento de risco promoveu o entendimento entorno do comportamento. Observa-se que a ideia de existir um grupo de risco estava mais ligada a construção do sujeito gay que não segue as regras consideradas socialmente corretas (heteronormativas) e reforça um grupo específico como alvo central de contágio. O contrário dessa perspectiva, o comportamento de risco, dizia sobre o ato sexual sem a camisinha, sendo gays, “heteros” ou bissexuais.

Para melhor entendermos o fluxo de conscientização sobre as ainda denominadas DST's acredito ser de suma importância abordarmos um pouco mais quais seriam os pensamentos em torno da mais popular e de fato a que mais se torna efetiva na prevenção “a camisinha” da AIDS cujo a definição consta no site gineco.com.br plataforma destinada a saúde feminina: “Camisinha é um método contraceptivo do tipo barreira. Feita de látex ou poliuretano, impede a ascensão dos espermatozoides ao útero, prevenindo uma gravidez não planejada. Também é eficiente na proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (ISTs), como AIDS e HPV.”

Sendo assim gostaria de abordar o mesmo programa Roda Viva, porém transmitido em novembro de 1994 tendo como convidado central o Dr. Dráuzio Varella¹ que é principalmente conhecido pelo desenvolvimento e acompanhamento de estudos voltados a AIDS e posteriormente a clinica das medicações para o combate ao vírus. Durante o programa Carla Gullo jornalista da revista Vida e Saúde (Revista Vida e Saúde circula ininterruptamente no Brasil desde 1939, tem trabalhado para a construção de uma mentalidade brasileira pró-saúde há 80 anos. É distribuída pela editora CASA "www.revistavidaesaude.com.br") questiona sobre os valores cobrados ao consumidor ao meio contraceptivo: “Por exemplo, o preservativo no Brasil é um dos mais caros do mundo, até que ponto o estado deve interferir, você acha que o estado deve interferir?” cujo a resposta foi: “Acho que é fundamental interferir, porque veja o seguinte eu perguntei para o pessoal da Johnson e Johnson (empresa que produz produtos para saúde do corpo, tratando de questões externas, como oral, pelos e claramente nesse momento a camisinha) antes do programa e questionei quantas camisinhas são

¹ Médico cancerologista formado pela USP e ex-diretor do serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Dirigiu, de 1990 a 1992, o serviço de Câncer do Hospital do Ipiranga. Autor de 15 livros, Varella foi um dos fundadores do Curso Objetivo. Um dos pioneiros no tratamento da AIDS no Brasil, liderou diversas campanhas de conscientização sobre a doença. Trabalhou como médico voluntário na Casa de Detenção do Carandiru entre 1989 e 2002. Atualmente faz o mesmo trabalho na Penitenciária Feminina de São Paulo.

consumidas no país, não sei se a informação está correta, mas é cerca de quatro milhões e meio até cinco milhões por mês no Brasil”.

Aqui então com esse breve trecho sem quantitativo exato pode identificar uma lacuna grande da prática mais eficaz para a prevenção, pois se em 1987 no mesmo programa a discussão era o grupo de risco (gays) e suas práticas, sete anos depois o ponto era a não mudança social no cotidiano das relações sexuais não voltadas a um grupo em específico mas de maneira geral.

Na edição do jornal O Globo de domingo, datada como 19/07/1987 conseguimos acompanhar uma página inteira intitulada “A favor, com muito amor à vida” (segundo caderno). Nessa matéria é possível acompanhar alguns depoimentos que os depoentes apoiam a compra e o uso do preservativo: Guilherme Fontes “Adotei a camisinha a partir do momento em que se constatou que o maior risco de contaminação do vírus da AIDS se dá através do sexo”, Leiloca “Não uso camisinha porque eu e meu namorado fizemos o teste”, Ney Matogrosso “Uso camisinha desde que começaram a falar que era preciso para evitar AIDS, há cerca de um ano.”

Destaquei esses três, porém os demais entrevistados somavam dez na matéria do jornal, todos eles demonstram concordância sobre a utilização da camisinha e, também, concordância sobre a melhor forma da prevenção. Entretanto a matéria central contida na página trata basicamente de pessoas com poder aquisitivo moderado, pessoas do meio artístico que representam não representavam a realidade da figura do brasileiro naquele momento. Pois bem voltando a matéria central do caderno “A questão da camisinha” a jornalista Deborah Dumar relata em uma pequena parte que a mulher brasileira naquele momento aceita mais facilmente a utilização do preservativo, enquanto o homem hetero ainda enfrenta com mais resistência “A conclusão a que chegou o grupo de pesquisas da Associação de Combate à AIDS inspirou o slogan – Não morra de preconceito – da campanha de esclarecimento da população deflagrada pela TV Globo.”

Tendo aqui então estabelecido essa dinâmica de utilização pensando em viabilizar o consumo, então porque aqui estamos projetando a utilização e aceitação e depois de sete anos ainda estamos batendo na mesma tecla? Antes ainda de finalizar o

seu relato a jornalista informa um caso que pode nos dar o tom de um dos fatores: “A grande maioria dos homens reluta em aceitar a oferta e se sente ofendida, como João Nivaldo Franquelino, 26 anos, fiscal do Departamento de Pesos e Medidas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul: ele reagiu de com violência à proposta da nova namorada, a estudante de Filosofia M.S.S., de 23 anos, que chegou à delegacia de Mulheres com dois dentes quebrados, supercílio esquerdo aberto e suspeita de fratura em duas costelas.” – Claramente podemos perceber o machismo na sua forma mais escancarada e bruta onde a ação de querer se proteger e até mesmo proteger o outro se tornou uma situação de barbárie vivida a uma mulher consciente do seu corpo e questões sociais.

Esse depoimento é a chave para justamente articular os comportamentos não somente do reforço ao machismo estruturado como instrumento de poder, mas como essa organização social colocava em risco a saúde mental e física de mulher e homens gays, partindo desse pensamento a prevenção era algo expressamente necessário para a vinculação do meio de uma melhor saúde, para uma melhor forma de organização pautada no respeito e necessidade de cuidados e não com questões excludentes e que gerassem mais preconceito e medo.

Porém pensar que o que afetava o homem “real” naquele momento era somente a possibilidade do questionamento a sua saúde física, estaríamos vendo somente um vértice dessa situação. Podemos ainda pensar sobre o poder de decisão que sempre influenciou nossas relações (binárias), a dúvida do próprio homem sobre conseguir ou não manter uma ereção com a pausa para colocar o preservativo e o que permeia ou aqui permeava o imaginário social do homem viril, sempre pronto para ter o membro ereto pelo tempo necessário: “É machista e reage perguntando: – Você acha que eu sou sujo? Mas que existe um subtexto: – Você acha que eu pratiquei sexo anal, esta suspeitando que eu seja gay? – Comentou o psicanalista Eduardo Mascarenhas, que considera a perda da potência uma verdadeira hipocondria nacional.”

Sendo assim a discordância dos sujeitos ideais do ponto de vista da prevenção e do comportamento dos sujeitos reais relatado no trecho mostra que para além do pensamento sobre a manutenção física da ereção a aversão social sobre a utilização da camisinha também estava ligada ao questionamento social sobre a orientação da sexualidade, enquanto havia uma forte corrente buscando a saúde independente do ser

gay ou não, ainda havia uma corrente remanescente no sentido contrário do pensamento da tratativa e uma possível solução para a contaminação desenfreada constatada no período.

Numa edição de domingo do jornal impresso O Globo² do ano é 1996, saiu uma publicação chamada “Geração Camisinha” que em seu subtítulo diz: “Preservativo transforma-se em ícone dos adolescentes, mas a maioria ainda não sabe usá-lo.” A escolha pela divulgação no folheto que é claramente o mais lido durante a semana, pois dentro da organização jornalística domingo é o dia de revisão dos acontecimentos mais recentes e trata também os aspectos mais importantes ou até mesmo o mais apelativo, para esse texto então vamos seguir agora em primeiro com o título e posteriormente analisar.



Voltando ao nosso comparativo sobre o programa Roda Viva citado de 1994 aqui nesse artigo a preocupação está voltada também para as práticas, modos de utilização, questões físicas e diferenças dos adolescentes ao utilizar o preservativo e da duas pistas importantes para entendermos a guinada na conversa com a sociedade, primeiro “geração camisinha” ou seja são pessoas que de fato estão conscientes da necessidade da utilização e por meio da comunicação efetiva fazem uso sem nenhum tipo de preocupação exemplificadas acima (sexualidade, orientação sexual) e o que mais

² O Globo é um jornal diário de notícias brasileiro, fundado em 29 de julho de 1925 e sediado no Rio de Janeiro. De circulação nacional pela assinatura mensal nas formas impressa ou digital, é o jornal de maior circulação no Brasil desde 2021 - <https://oglobo.globo.com/>

nos chama a atenção no “Jornal da Família³”, como podemos comparar coma edição citada anteriormente o faço sai da sociedade geral e traz pra dentro de casa, para a família, buscando assim aproximar de fato que a AIDS não era um problema das ruas e sim um problema que tem a necessidade de acompanhamento, dialogo e constante orientação. O artigo ainda relata a atenção da produção técnica dos preservativos, como tamanho e durabilidade, sendo assim um bom exemplo tardio da atenção ainda não aplicada sobre a necessidade de ter campanhas, mas também viabilizar o consumo do produto.

Observando os programas de incentivo ao uso do preservativo durante na década de 1990 gostaria de analisar algumas propagandas a nível nacional que tinham o objetivo de quebrar com ideia de somente homens gays que precisavam utilizar esse método de prevenção, acredito que de uma forma geral todos temos aquela velha memória da infância de ver ou ouvir em falar em camisinha somente no período do carnaval, festa essa que é entendida como liberdade e ser e fazer o que quiser "O Carnaval é um período de festas populares realizadas durante o dia e à noite. As comemorações ocorrem todos os anos, nos meses de fevereiro ou março, começando no sábado e estendendo-se até a Terça-feira de Carnaval.” Definição rápida encontrada no artigo “Carnaval⁴” no portal Uol (Brasil Escola).

Usando então a campanha lançada em 1995 intitulada “Bota Camisinha⁵” simula um enredo de escola de samba tentando aproxima o linguagem “popular” como o objeto de divulgação, o tom jocoso das frases cantarolada em ritmo de machinhas trás as seguintes expressões “Ai veio o século XX e a AIDS acabou com a brincadeira, todo mundo tem que ser esperto, por que ficar sem camisinha é dar bobeira” e também uma serie de pequenos quadros usados na campanha “Viva com prazer. Viva o sexo seguro” nesse exemplo é um dialogo entre um ator e seu “pênis” chamado Bráulio, também lançada no mesmo ano, aqui podemos ver um contexto fora da folia do carnaval, porém

³ Jornal da Família e Revista O GLOBO são registro de mudanças da sociedade ao longo de décadas. (Suplementos falaram de moda, cultura, saúde e comportamento) - Maurício Meireles 19/07/2015.

⁴ Carnaval é um festival que ocorre antes da estação litúrgica da Quaresma. Os principais eventos ocorrem tipicamente durante fevereiro ou início de março, durante o período historicamente conhecido como Tempo da Septuagésima.

⁵ Os primeiros protótipos dos famosos preservativos sexuais que conhecemos hoje surgiram na Antiguidade, em civilizações como a chinesa e a grega. - <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-do-preservativo.htm>

ainda sempre utilizando em festas e fica claro que o alvo é conscientizar sobretudo o risco da pratica do sexo anal “Hoje eu estou afim de variar um pouquinho, vamos brincar por traz” fala dada pelo Bráulio, onde o ator responde: “ – Tem que ser de camisinha, por traz é mais perigoso, não podemos correr risco.”

Comunicar com a população, porém comunicar direto e reforçando alguns problemas de entendimento que agora podemos entender ter atrapalhado o entendimento do que de fato estava acontecendo e o quanto era/é importante a utilização desses mecanismos de defesa, Thiago Félix Pinheiro em sua tese de doutorado para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo “Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção de HIV/AIDS” sustenta pontos importantes como “Nesse contexto, a despeito das formulações mais conservadoras ou discriminatórias, a prevenção – e a promoção do uso de camisinha, mais especificamente – foi elaborada e conduzida de forma incipiente, uma vez que a necessidade de adoção de medidas emergenciais fez com que os esforços dessa primeira corrente fossem prioritariamente investidos em outras direções, em especial, a assistência às pessoas doentes. Mesmo o GAPPA, cujo título faz referência ao trabalho preventivo, teve como atuação principal a cobrança de ampliação dos serviços de assistência e de condições mínimas de atendimento aos pacientes infectados com a AIDS.” (pag.79)

Observamos então que nesses dois exemplos a focalização das campanhas e ativações publica para as tratativas sobre a doenças estão permeando festas sazonais ou casuais, sexo anal, pessoas que já apresentavam quadro da doença e o mais importante as campanhas retratavam “homens”, reforçando que o vetor da transmissão sempre passaria da via sexual dessas ocasiões, dispensando assim a proteção em demais ambitos, círculos de convívio, relações conjugadas.

O reforço constante de tais simulações de uma fase da realidade só nos leva entender melhor a construção do “sujeito gay sujo portador da AIDS”, quando não consideramos uma doença que tem níveis pandêmicos com os devidos cuidados que se propõem, meramente por medo de perder a identidade de “liberdade” sexual ou por manter o estado “ másculo” é mera ignorância e infelizmente nesse caso tendemos a perda massiva de vidas até que as tecnologias laboratoriais avançaram ao ponto de entregar o que carinhosamente é chamado de “sobrevida”.

Mediante as ideias decorridas sobre prevenção, afetação da masculinidade por meio da reivindicações das mulheres e pela organização das mídias, voltamos ao programa Roda Viva de 1994, precisamos aqui falar sobre mais alguns pontos importantes, questionamento da jornalista Conceição Lemes “A pesquisa da revista PlayBoy mostrou que aproximadamente que 50% dos homens brasileiros acham que a camisinha diminui o prazer, é chupar bala com papel, tira o tesão. Só que quase 50% dos homens que pensam assim ele nunca experimentaram camisinha pelo menos uma vez na vida, como vencer essa barreira cultura?” *(antes de dar continuidade gostaria de lembrar que a utilização dessa fala que claramente esta traçando um sujeito ideal baseada em um pesquisa fora do cunho acadêmico será utilizada, pois em vida de fato durante o decorrer do trabalho fica claro que o problema de fato é cultural)* a resposta vem do convidado ao centro do debate Dráuzio Varella “ Acho que só tem um jeito, é as mulher negando os homens que não querem usar a camisinha, é um arma que as mulheres a seu favor, sem camisinha não ... para a mulher a camisinha não faz muita diferença sexualmente é verdade, é raro a mulher que se queixa, para a mulher atrapalha menos.

E para complementar a jornalista Carla Gullo da Revista Vida e Saúde faz outro questionamento “E as prostitutas, muitos homens não aceitam, então correndo o risco de ser infectada ou morrer de fome elas escolhem a primeira opção” (40min:45s a 43min:24s). Esses dois pontos nos trazem justamente a clareza da relação da dificuldade de vinculação de prevenção, não estamos falando de gênero, grupos ou comportamentos sexuais, estamos lidando com a incapacidade de aceitação da mudança da dinâmica social e de saúde que a AIDS nos trouxe, nega o entendimento, culpar, apontar não estava em nada resolvendo o problema em foco, mas sim prolongando a ineficiência das medidas timidamente propostas.

Quando pensamos que o problema não é nosso, torna-se mais fácil de ser ignorado, quando usamos os mecanismos sociais carregados de preconceitos para dar continuidade a comportamentos que arriscam nossas vidas isso de certa forma paira a relatividade de abstração sobre a responsabilidade do ato de cuidar, trazendo assim os sujeitos para fora da ação, quando tratamos mulheres, homens gays, travestir dentre outras minorias sócias como loco de um problema geral, estamos justamente

corroborando para que o problema não seja resolvido e sim estamos reforçando a cortina de fumaça que é introduzida por relações patriarcais (*Patriarcado é um sistema social em que homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades*), machistas (*Machismo é a sensação de ser 'viril' e autossuficiente, o conceito associado a um forte senso de orgulho masculino: uma masculinidade exagerada*), misóginas (*Misoginia é o ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres ou meninas. A misoginia pode se manifestar de várias maneiras, incluindo a exclusão social, a discriminação sexual, hostilidade.*) e homofóbicas (*Homofobia é uma série de atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação a pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero, ou percebidos como tal*).

Entrando um pouco mais sobre essas relações fragilizadas por preconceitos e estigmas de construções do sujeito ser soro positivo ou não, podemos pensar que todas as enfermidades que decorrem de perda de peso, mudança da aparência podem ser confundidas como a AIDS, em um panorama geral generalizar tais características poderia ser apenas uma necessidade de enquadrar o sujeitos em suas situações, tomo então como necessário ressaltar a fala da Profa. Dra. Samantha Viz Quadrat ⁶ conhecida amplamente por seus estudos que abrangem as transformações sociais através da política/ republica nos anos 1980 no Brasil, na aula fornecida para o programa de pós graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que foi disponibilizada dia 19 de abr. de 2023, onde a mesma fala sobre duas situações que a levaram a reflexionar sobre o tema AIDS, primeiro durante a epidemia onde a mãe foi parada algumas vezes na rua por desconhecidos questionando se era “aidética” por ter pedido peso por um tratamento na tireoide e mais recente quando decidiu tratar o tema onde por sua vez recebeu questionamento se ela mesmo era soro positivo ou se havia “virado gay”.

São dois pontos muito fortes que ainda marcam a nossa percepção sobre temas importantes do nosso dia a dia, mas o que acho importante ressaltar é que o

⁶ Samantha Viz Quadrat possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). Atualmente é professora associada de História da América Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) e no Núcleo de Pesquisa História e Ensino das Ditaduras (NUPHED). Tem experiência na área de História Latino-Americana, com ênfase nas últimas ditaduras, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, violência política, direitos humanos, lugares de memória e consciência, ensino de História, biografias, juventudes e HIV-AIDS. <https://pesquisadores.uff.br/researcher/samantha-viz-quadrat>

questionamento de “virar gay” ainda nos dá a impressão de não sair do pensamento visto no começo desse capítulo, quando falamos sobre o programa roda vida, ainda hoje temos o mesmo comportamento de grupo associado a uma doença e outra questão igualmente importante é o verbo do questionamento “virar” dando o entendimento que a sexualidade é uma escolha deixando aqui um recado importante sobre a necessidade de afirmação da “escolha” algo que vamos discutir com mais detalhes logo a frente.

Usando como diálogo nesse campo acho importante ressaltar o artigo “Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença” publicado na Revista Brasileira de Enfermagem ⁷– “No Brasil, a adoção de políticas públicas de saúde voltadas à epidemia da AIDS aconteceu em paralelo a mudanças políticas importantes, como a aprovação da nova Constituição Federal em 1988 e, especificamente no campo da saúde, a aprovação do SUS(3). Nessa época, o sistema de saúde brasileiro começou a distribuir medicamentos específicos para as doenças oportunistas e a zidovudina, mais conhecidas como AZT. Este inibidor da transcriptase reversa (ITR) abriu novas perspectivas terapêuticas ao ampliar o tempo de sobrevivência do paciente HIV positivo.” Pag. 273.

Sendo assim olhando pelo campo de desenvolvimento de medicações e aplicações sociais como vimos, podemos entender ainda que de fato mediante as necessidades dos indivíduos e até mesmo pensando no desenvolvimento do campo da produção de medicamentos e avanço da medicina algo estava sendo feito, pensando no campo político também podemos notar essa inclusão até mesmo na recém constituição brasileira de 1988, onde acho importante ressaltar o artigo “Art. 199. A assistência à saúde é livre à iniciativa privada. - § 1º - As instituições privadas poderão participar de forma complementar do sistema único de saúde, segundo diretrizes deste, mediante contrato de direito público ou convênio, tendo preferência as entidades filantrópicas e as sem fins lucrativos.” Pois é aqui que dá a liberdade para além da responsabilidade do estados para que grupos principalmente formados por gays e travestis que posteriormente teríamos nomenclatura LGBTQIA+ conseguissem atuar de forma ativa nos direitos a possibilidade de tratamentos.

⁷ Criada em 1932, é o órgão oficial de publicação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). É o mais antigo periódico da Enfermagem brasileira e sua missão é divulgar a produção científica das diferentes áreas do saber que sejam do interesse da Enfermagem, incluindo a que expresse o projeto político da Associação.

Com todos esses mecanismos em pleno funcionamento temos além dos jornais já citados um dos programas de maior alcance nacional “Fantástico” transmitido na Rede Globo desde 1973. Aqui citarei o trabalho Germana Fernandes Barata (Licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela Unicamp, especializada em jornalismo científico pela Unicamp, mestre e doutora em História pela USP) “A PRIMEIRA DÉCADA DA AIDS NO BRASIL: O FANTÁSTICO APRESENTA A DOENÇA AO PÚBLICO (1983-1992), quando analisa essas dinâmicas de comunicação;

1) “Os adjetivos usados nas matérias reforçam o gênero fait divers do programa: assunto grave, doença misteriosa, epidemia mais violenta, mal fulminante, avanço assustador, resultado dramático, estatísticas estarrecedoras, esperança na luta, melhores perspectivas, apenas para citar alguns. Eles poderão ser identificados ao longo da análise seja para instigar uma atmosfera dramática, caótica, de esperança, alegrias ou medo. O fundamental é tocar a emoção do telespectador.”Pag:108

2) “A música de fundo e a narração estão muito presente nas matérias sobre a Aids. Santoro (1982) já havia apontado que a sonoplastia feita nos enfoques científicos do Fantástico “serve exclusivamente para reforçar a tensão do momento, na tentativa de dar à matéria um tom de mistério e suspense, tal qual uma série de ficção científica”265. Além disso, ela tem a função de indicar previamente qual será a abordagem - por exemplo, incitando medo, mistério, tensão ou esperança – resultado que também é obtido por meio da entonação, tom de voz e as feições dos narradores (Siqueira, 1999)266”Pag: 109

A síntese trazida pela autora nesses dois trechos deixa claro o condução afiada trazida pela mídia, afinal não podemos desprezar a importância quase que religiosa que as famílias principalmente nos anos 1980 e 1990 de acompanhar o resumo da semana, o que acontecia no mundo através do Fantástico, lembro que era quase que uma obrigação o banho ser tomado antes do programa começar justamente para ter uma adesão única de atenção ao seu início, para além das críticas que ficam claras aqui sobre a intenção da ferramenta de comunicação como condução do modo do brasileiro de se pensar, temos que ressaltar a necessidade de investigar essas motivações de escolhas de palavras, enredo, artifícios quase “hollywoodianos” para se dar uma notícia tão vital naquele momento.

Fechando nossa análise sobre o programa de TV CULTURA Roda Viva, fechamos ao exibido 04/12/1995, três dias depois do dia mundial de luta contra o HIV/AIDS⁸, novamente no centro do debate esta o Dr. Drauzio Varella que inicia o programa reforçando o uso do preservativo como primeira linha de defesa contra a contaminação do vírus e logo após cita um caso de infecção que já mostra a diferença da tratativa da mensagem do sujeito com contaminado:

“Acho que a primeira descoberta fundamental, foi daquela criança que pegou o vírus e eliminou o vírus, pegou de verdade o diagnostico foi feito por cultura, vai lá mete uma agulha na veia da criança colhe coloca no meio adequado e o vírus cresce, então se o vírus apareceu no corpo da criança depois que ela nasceu ela estava infectada pelo vírus, correto? Lá pelo quinquagésimo dia após o nascimento eles repetiram a cultura e já não conseguiram mais isolar o vírus e a partir daí começam a repetir todas as forma de cultura e criança nunca mais teve o vírus e os anticorpos nunca apareceram e por isso o teste da AIDS ficou completamente negativo.” 07:25m a 08:06m.

Esse destaque é importante pois mostra justamente a mudança do discurso que até então era inteiramente ligado aos gays e suas relações com o sexo ou drogas para de fato pudéssemos discutir o assunto epidêmica como necessidade de saúde pública. O mesmo caso é citado na matéria de 03/12/2021 divulgada no portal online do canal CNN Brasil, com o título “Dezembro Vermelho: veja 15 filmes que abordam perspectivas sobre HIV e AIDS” além da listagem que vamos abordar do ponto de vista da divulgação cultural sobre a doença o artigo traz uma entrevista com Valdes Roberto Bollela⁹ que fala justamente sobre o caso citado no programa Roda Viva de 1995 mas alerta que só foi possível essa cura da criança que foi contaminada durante a gestão sem controle do vírus, pois os médicos que ministraram o tratamento sabiam de fato o momento do contágio, sendo assim reproduzir essa cura no cotidiano não seria possível, afinal o contato com o vírus é normalmente identificado com a pessoa já apresenta

⁸ Em 1987, durante a 3ª Conferência Internacional de Aids, realizada em Washington (EUA), 200 mil pessoas, ativistas e pessoas vivendo com o vírus, participaram do lado de fora do evento. Queriam ser ouvidas pela comunidade científica e pelo mundo, pois naquele momento, em que não havia tratamento, o silêncio era uma forma de morte.

<https://bvsmms.saude.gov.br/acabar-com-as-desigualdades-acabar-com-a-aids-acabar-com-as-pandemias-01-12-dia-mundial-de-luta-contra-a-aids/>

⁹ Professor Associado da Divisão de Moléstias Infecciosas e Tropicais do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP). Médico formado pela FMRP-USP (1992), especializou-se em Medicina Interna (1993) e Moléstias Infecciosas em 1995, concluiu o doutorado em Clínica Médica pela FMRP-USP em 2000.

algum sintoma da doença. Sobre a cura divulgada no entrevista ainda podemos relatar os estudos recentes sobre alguns tratamentos que se mostram esperançosos para que fato aconteça, mas não podemos simplesmente descartar que atualmente os tratamentos tanto para pessoas infectadas quanto para pessoas não infectadas estão mais assertivo, contando com os Medicamento Antirretroviral (ARV) que além de possibilitar uma qualidade de vida melhor aos pacientes, diminuiu drasticamente a quantidade de comprimidos que são necessário consumir para que dê resultado com controle do vírus no organismo e para pessoas que não portam o vírus existem duas maneiras de prevenção por via medicamentosa (PEP e o PrEP ¹⁰) que tem suas definições no portal do Ministério da Saúde no artigo “Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Qual é a diferença entre a PEP e PrEP?”

-“A PEP – Profilaxia Pós-Exposição – é o uso de medicamentos antirretrovirais após um possível contato com o HIV em situações como: violência sexual; relação sexual desprotegida (sem o uso de camisinha ou com rompimento da camisinha), acidente ocupacional (com instrumentos perfurocortantes ou em contato direto com material biológico).”

Que deve ter início do uso do medicamento até 72 horas do ato, tendo a duração de consumo de 28 dias.

- “A PrEP – Profilaxia Pré-Exposição ao HIV – é o uso dos medicamentos antirretrovirais antes da exposição ao HIV, reduzindo a probabilidade da pessoa se infectar com o vírus. A PrEP deve ser utilizada se você se encontra em alto risco de contrair o HIV.”

¹⁰ Em quanto tempo a PrEP começa a fazer efeito?

Mulheres cisgênero, pessoas trans ou não binárias designadas como sexo feminino ao nascer, e qualquer pessoa em uso de hormônio a base de estradiol, que façam uso de PrEP oral diária, devem tomar o medicamento por pelo menos 7 (sete) dias para atingir níveis de proteção ideais. Antes dos sete dias iniciais de introdução da PrEP, medidas adicionais de prevenção devem ser adotadas.

Homens cisgêneros, pessoas não binárias designadas como do sexo masculino ao nascer, e travestis e mulheres transexuais - que não estejam em uso de hormônios à base de estradiol - e que usem PrEP, seja ela diária ou sob demanda, devem tomar uma dose de 2 (dois) comprimidos de TDF/FTC de 2 a 24 horas antes da relação sexual para alcançar níveis protetores do medicamento no organismo para relações sexuais anais (4, 5). Ressalta-se que os estudos de PrEP sob demanda não apresentam evidências de proteção para relações sexuais (neo)vaginal receptivas.

Esse recurso é atualmente o mais bem sucedido quando pensamos em políticas públicas de prevenção, pois é normalmente utilizado por casais com soro discordantes, profissionais do sexo ou qualquer indivíduo que tenha pré-disposição em se infectar com o vírus. Porém acredito ser importante ressaltar que tal tratamento teve início no ano de 2017 ¹¹, sendo assim um tratamento muito recente, mas que mostra variações importantes das políticas públicas em disseminar esses tratamentos e claramente o avanço da medicina em tratamentos mais complexos.

Entrando agora nas representações cinematográficas sobre o tema, acredito ser importante separá-las dentro do seu tempo de lançamento, pois conforme entendemos até agora, conforme os avanços na área da saúde e discussão social foram avançando o enfoque dos sujeitos foram alternando em seus protagonismos, esse que podemos entender com o sujeito que é afetado pelo vírus, cotidiano pós-exposição, condições sociais e até mesmo retirando a figura do homem gay do foco da discussão. Lembrando que todos os títulos listados abaixo constam no artigo divulgado no portal CNN “Dezembro Vermelho: veja 15 filmes que abordam perspectivas sobre HIV e Aids”¹²”

Década de 1990

“Paris is Burning (1991): o documentário foi gravado em diferentes períodos da década de 1980 mostrando retratos da comunidade LGBTQIA+ na cidade de Nova York. Artistas falam sobre a Aids e temas como homofobia e transfobia, além de racismo e pobreza.”

“Meu Querido Companheiro (1990): um dos primeiros filmes a falar abertamente sobre a Aids, o longa aborda um grupo de amigos gays preocupados com as primeiras informações sobre a doença.”

“Filadélfia (1993): Andrew Beckett, advogado homossexual, é demitido ao ter o diagnóstico revelado. Ele contrata Joe Miller, um advogado homofóbico, para levar o caso aos tribunais.”

¹¹ Dia Mundial da Aids (1º/12) é data escolhida para provisão de medicamento que reduz o risco de infecção pelo vírus HIV Escrito por Gustavo Amaral /Publicado: 01 Dezembro 2017 - <https://www.fiocruz.br/noticias/projetos/4648-ministerio-da-saude-inicia- hoje-o-lancamento-da-profilaxia-pre-exposicao-prep>

¹² Neste Dezembro Vermelho, mês de conscientização para a luta contra a Aids, conheça produções do cinema que discutem o assunto abertamente - <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/dezembro-vermelho-veja-15-filmes-que-abordam-perspectivas-sobre-hiv-e-aids-3/#:~:text=Filmes%20como%20Meu%20Querido%20Companheiro,a%20uma%20senten%C3%A7a%20de%20morte.>

“Um Lugar Para Annie (1994): em 1986, Annie Morston de 3 meses de vida dá entrada em um hospital diagnosticada com o HIV. Abandonada pela mãe, usuária de drogas, ela é acolhida por uma das enfermeira.”

“Kids (1995): o filme apresenta um grupo de adolescentes da cidade de Nova York, nos Estados Unidos, que usam drogas e fazem sexo desprotegido. Uma das personagens, que só teve um parceiro, recebe um diagnóstico positivo para o HIV.”

“Jeffrey (1995): a comédia romântica ambientada em Manhattan, nos Estados Unidos, conta a história de Jeffrey, um homem gay que renunciou ao sexo por causa da Aids, no auge da epidemia.”

Década de 2000

“Cazuza (2004): o filme mostra a trajetória profissional e pessoal do músico brasileiro Cazuza, desde o início da carreira em 1981 até a morte em 1990 devido às complicações causadas pela Aids.”

“Yesterday (2004): em um lugarejo da África do Sul, Yesterday vive com a filha Beauty. Doente, ela enfrenta diversos desafios em busca de atendimento médico até receber o diagnóstico de HIV.”

“Preciosa (2009): Claireece “Preciosa” Jones, interpretada por Gabourey Sidibe, é uma adolescente que sofre uma série privações e de abusos, inclusive do próprio pai. Ela descobre o diagnóstico de HIV ao saber que o pai morreu devido a complicações da Aids.”

Década de 2010

“Clube de Compras Dallas (2013): no drama, Matthew McConaughey é um eletricista diagnosticado com o HIV em 1986, quando as informações sobre o vírus ainda eram limitadas. O personagem recusa o prognóstico e busca tratamentos alternativos em meio ao contrabando de medicamentos.”

“Boa Sorte (2014): internado em uma clínica psiquiátrica, o adolescente João conhece Judite, que vive com HIV. Os dois se apaixonam e vivem um romance que muda a forma com a qual ele vê a vida.”

“Bohemian Rhapsody (2018): o drama conta a história do cantor britânico Freddie Mercury (1946-1991), vocalista da banda Queen, que viveu com HIV.”

Das obras citadas gostaria de conduzir nossa reflexão permeando a ideia da estória contada em cada uma, primeiro o “Filadélfia” que é justamente lançado na década que mais se discute a liberdade do homem gay no convívio social após o diagnóstico, a utilização desse escopo narrativo nos dá um panorama dramático de como as relações tão discutidas de fato podem ser percebidas, por mais que a representação da obra tenha um cunho elitista, pois retrata um advogado, branco e estadunidense é importante medir o grau de repulsa e preconceito absorvido, como podemos acompanhar também um trecho da tese desenvolvida por Anderson Rodrigues Corrêa¹³ para a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“Na tentativa de articular alguns fenômenos que possam estar produzindo a AIDS e como, tal doença é representada histórica, biológica, social e culturalmente, infiro sobre a importância que as representações culturais assumem neste trabalho. Aludo às diversas representações que estão evidenciadas nas distintas produções cinematográficas, aqui mais especificamente nos filmes hollywoodianos, e às narrativas produzidas, reproduzidas e veiculadas por este meio, que corroboram as formas pelas quais o HIV/AIDS é vinculado a específicas sexualidades, no caso a homossexualidade masculina.

“Clube de Compras Dallas” que foi lançado vinte anos depois do citado anteriormente, traz uma discussão ligada aos preconceitos sobre a doença e a eficácia dos tratamentos ainda na década de 1980, mas tira o protagonismo do homem gay e o leva justamente a problemática do estigma que foi construído sobre o diagnóstico, como inferido pela Profa. Dra. Samantha Viz Quadrat¹⁴ acima podemos acompanhar nessa obra além da progressão severa da doença sem um tratamento eficaz a ruínas das

¹³ No escurinho do cinema...Sobre HIV/AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos / Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. 2007

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13737/000617605.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

¹⁴ Samantha Viz Quadrat possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). Atualmente é professora associada de História da América Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) e no Núcleo de Pesquisa História e Ensino das Ditaduras (NUPHED). Tem experiência na área de História Latino-Americana, com ênfase nas últimas ditaduras, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, violência política, direitos humanos, lugares de memória e consciência, ensino de História, biografias, juventudes e HIV-AIDS. <https://pesquisadores.uff.br/researcher/samantha-viz-quadrat>

relações sociais do personagem quando é entendido que o mesmo não é mais “heterossexual”

E para finalizar a lista temos o filme “Preciosa” que traz uma outra vertente de fragilidade social a mulher negra que sobre diversos tipo de abuso, como psicológico, físico e contra sua saúde, muito importante buscar entender o quanto é negligenciando o atendimento a essa fatia social. Aqui nesse obra conseguimos acompanhar as fragilidades sistêmicas que impendem que tais individuais consigam um tratamento eficaz contra a AIDS, mas também mostra o quanto escolhemos o que é importante ser tratado como um problema de impacto cultural e social.

Corroborando assim quando trago as distinções apontadas entre ser um homem ou uma mulher soropositivos, sugiro a importância de relacionarmos tal condição de soropositividade com as próprias representações do que é ser homem e do que é ser mulher em nossas sociedades. Aponto ainda para a importância de ampliarmos e problematizarmos as representações hegemônicas de gênero, pois como nos propõe Meyer¹⁵ (2000), tais representações “fixam padrões nos quais se institui o que é ser homem e mulher, como se educam meninos e meninas e, por extensão, o que podem/devem fazer da/na vida” (p.152-153)” Corrêa¹⁶

Finalizou então essa análise entre as décadas citadas justamente para que possamos amarrar essas ideias de quais os indivíduos estão sofrendo com a ação social de preconceito, quais indivíduos estão sofrendo com a doença a ser curada, tratada ou não divulgada e o mais importante como que nós nos comportamos com essas informações e como agimos para avançar na inclusão ou exclusão de tais.

¹⁵ MEYER, Dagmar E. Cultura teuto-brasileira-evangélica no RS: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.1, n.25, p.135-161, jan./jun. 2000.

¹⁶ No escurinho do cinema...Sobre HIV/AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos / Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. 2007

CAPITULO 2.

Estigma, religião e políticas publicas: Homens Gays e sua relação com a sociedade.

A construção do estigma sobre homens gays não necessariamente parte do atrelamento da condição do vírus HIV/AIDS na sociedade, porém a divulgação e entendimento da disseminação parte justamente do pré-suposto que o vírus é uma característica imputada e implicitamente dessa parcela da sociedade, para entendermos melhor essa constituição sobre essa aparente necessidade de fazer conjunto tais “características” precisamos antes entender um pouco mais sobre o conceito que os estigmatiza.

Conforme Goffman¹⁷ o conceito de estigma perpassa dentre os gregos, cristãos constituindo o sentido de características positivas ou negativas que fazem um “eu social” ser diferenciado do convívio social, porém o mesmo traz que na atualidade o termo é sempre ligado a desgraças que dão características consideradas negativas. Nesse sentido o conjunto de componente sobre o entendimento social e cultural do homem gay foi construído como desviante do “natural” para o bom convívio, por tratar-se de uma exceção à regra até mesmo religiosa, o comportamento gay quando foi atrelado ao vírus que estava em circulação ainda sem grande conhecimento de como trata-lo e combatê-lo foi e ainda é um prato cheio para o preconceito e para a desinformação.

Separação ou segregação são dois fatores que são somatizados justamente pelo conceito da estigmatização, podemos pensar para além do assunto abordado, como por exemplo, os usuários de crack que são subjugados como criminosos e são tratado a margem da sociedade, não utilizamos se quer as ferramentas de saúde precisas para tratar não situação, não nos preocupamos como uma questão de saúde e sim um problema criminal.

Quando pensamos em homens gays contaminados pelo vírus do HIV/AIDS pensamos em vetores da disseminação e não em vítimas de uma epidemia que

¹⁷ Goffman E. Estigma. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 1988.

efetivamente ainda não apresenta cura, por mais que saindo da década de 1980 e 90, conseguimos uma avanço importante nos tratamentos. E ainda pensando no conceito de segregação que é: processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. “Essa separação ou distanciamento social e físico é oriundo de fatores biológicos ou sociais, como raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade, entre outros.” Mostra justamente o peso das decisões sobre a exclusão, quando falamos de segregar não estamos somente falando de separar, mas sim de exclusão de existir, quando pensamos em segregar não pensamos somente em deixar que os indivíduos não se comuniquem mais de forma geral na sociedade, mas sim estamos pensando em forma de impedir que qualquer forma de comunicação ou diálogo exista.

Homens gays são os mais afetados pela epidemia de HIV /AIDS, como outros segmentos da população estes são particularmente vulneráveis à infecção. Desde o início a identificação com a homossexualidade foi motivo de estigmatização que se somou aos preconceitos existentes em diferentes culturas. Para melhor explorar a permeabilidade da discriminação e da violência em grupos estigmatizados, e atendendo ao tema desse estudo, foram ampliados as argumentações de Fry¹⁸ e suas três propostas de sistemas de relacionamento homoafetivo. Seu primeiro sistema ou modelo exposto traz a dualidade entre masculinidade / atividade e feminilidade / passividade, aspecto que também é relevante na obra antropológica de Parker¹⁹. Até a década de 1930, era difundida a categoria de "homem verdadeiro", dotado de masculinidade e dominação. Não foi reconhecido como homossexual, embora admitisse práticas sexuais ativas ou com penetração. Esse homem era associado a outra categoria de representação homossexual, o "cara", que possuía qualidades femininas e era submisso e penetrante ou passivo nas relações sexuais. A relação entre os dois era hierárquica, com um exercício de poder claramente delimitado, confusão entre gênero e papéis de gênero.

¹⁸ Fry P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. Para inglês ver. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1982a

¹⁹ Parker RG, Cavallari MTM. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller; 1991.

Tendo então justamente essa necessidade de estigmatizar para além da exclusão, mas também uma construção do poder social, buscando identificar essas características não somente para organizar o sistema, mas também para desorganizar ao ponto que os valores fossem facilmente moldados e atribuídos corroborando a exclusão sobre os homens gays como podemos observar a definição de Goffman²⁰:

“A característica central da situação de vida, do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de "aceitação". Aqueles que têm relações com ele não conseguem lhe dar o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade social os haviam levado a prever e que ele havia previsto receber; ele faz eco a essa negativa descobrindo que alguns de seus atributos a garantem.”(Goffman, 1988,p,11)

Considerando assim os sujeitos tanto primários quanto os secundários que com quem existe uma relação menos importante dentro da hierarquia social, podemos pensar nos amigos próximos, cônjuges, familiares que dão apoio e legitimidade, profissionais que dão suporte a vida, lembrando sempre da necessidade de adequação em seus tratamentos, podemos de fato entender que o ponto para além do fator religioso que sim é fundamental e vamos explorar um pouco mais adiante o grande ponto aqui é o poder sobre considerar o outro importante ou não dentro de suas funções como cidadão, a consideração é importante nesse ponto coletivo, pois não estamos pensando em somente em atributos práticos, mas sim no funcionamento “não racionalizado” da estrutura que os rejeita ou não faz questão de não dar lugar e importância necessária a questão da saúde social em geral.

Felipe Cazeiro da Silva²¹, em Histórias posit(HIV)as de gays e pessoas trans: dos estigmas à cidadania (2019) utiliza a definição “SIDADANIZAÇÃO” sendo essa uma forma contrária que estava sendo “pré-estabelecida” do isolamento e exclusão dos indivíduos que portavam o diagnóstico.

²⁰ Goffman E. Estigma. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 1988.

²¹ SILVA, Felipe Cazeiro da. Histórias posit(HIV)as de gays e pessoas trans: dos estigmas à cidadania. 2019. 174f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

“Em tal grau, as reações psicossociais da época foram as mais diversas como a expulsão de pessoas soropositivas de suas cidades, principalmente de zonas rurais e cidades pequenas, pois a compreensão que se tinha, especialmente pelas crenças cristãs, era a de uma justiça divina às ‘sexualidades desviantes’, um mal encarnado no corpo que era preciso expurgar.” (Silva, 2019, p. 54)

Outro ponto importante nessa relação é o pavor sobre o sexo, não que de certa forma se tornasse natural ter medo, afinal falar sobre uma epidemia que aflige de uma forma geral o ato sexual é mudar a forma de organização dos relacionamentos, claramente não é uma forma de banalização sobre o sexo, mas não podemos pensar somente em procriação aqui, e sim como um ato “necessário” para grande parte da humanidade, para entender um pouco melhor sobre esse sentimento podemos traçar um paralelo com a pandemia do COVID 19, um vírus que foi percebido primeiramente como uma gripe simples e que entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021 causou aproximadamente 14,9 milhões de mortes diretas ou indiretas conforme dados da ONU²²(Organização das Nações Unidas), essa reflexão podemos usar no sentido da modificação do dia a dia, da dinâmicas cotidianas que passaram a ser chamadas como “novo normal”, uso de máscara em todos os ambientes públicos, melhor higienização dos alimentos, roupas, mãos, locais de grande concentração de pessoas e o que mais causou incomodo o distanciamento social, que é o ato de não manter atividades que aglomerassem pessoas.

Pois assim vamos trazer essa realidade principalmente para década de 1980 e 1990 onde nasce o jornalismo com mais agilidade nas rádios e grande parte dos lares brasileiros ainda não possuía televisão, tornando assim esse um dos principais canais de comunicação massivo naquele momento, sendo assim vamos pensar em notícias falando sobre os “perigos do sexo”, “sexo mata”, “gays que fazem sexo morem”, enfim essas ideias podem ser melhores exemplificadas conforme vimos no capítulo anterior no impressos de jornais, usando essa linha imaginaria e sugestiva, colocando em uma ótica de pânico sobre as relações sexuais, qual era o medo das pessoas em praticar sexo naquele momento? O quanto era prejudicial manter relações sexuais em todas as

²² <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1788242> (OMS: Covid-19 causou pelo menos 14,9 milhões de mortes diretas ou indiretas BR) -05/05/2022.

esferas? Voltamos aqui em um mecanismo de controle sobre o outro, podemos entender melhor com a ajuda da nossa formação como nação.

Pensar sobre a formação em si da sociedade brasileira nesse ponto nos ajuda a movimentar algumas ideias que podem parecer ultrapassadas para o momento em que temos os primeiros casos de HIV/AIDS bem no começo dos anos 1980 no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, também conhecido como Hospital Emílio Ribas, é um hospital público brasileiro especializado em infectologia localizado em São Paulo, nos dá o tom sobre a centralização das dinâmicas traças pelo pilar central da família, nesse caso a relação do homem com a família, sociedade, relações e organização culturais. Seria esse um dos pontos que nos atrasaram nas tratativas sobre a não transmissão do vírus? Nossa formação poderia ser um maior indicador de retrocesso nessa situação do que identificado em outros países?

Articulando o ano de 1987 conforme vimos no início desse trabalho, na Inglaterra era lançada a campanha "Não morra de Ignorância" que consistia em uma comunicação massiva nos lares, buscando um alcance rápido e eficaz quando o pensamento seria conscientização da família. Princesa Diana ²³ visitou o primeiro hospital especializado em tratamento da AIDS na Inglaterra. O fato dela não ter usado luvas quando apertou as mãos de pessoas com AIDS foi amplamente divulgado pela imprensa e ajudou a mudar atitudes preconceituosas. A utilização de uma figura nesse caso de força e comoção nacional não é simplesmente humanizar os infectados pela doença naquele momento, mas também para mostrar o poder da liderança sobre uma sociedade, importante destacar que esse pensamento não é a solução do preconceito e da exclusão, mas da a possibilidade do diagnóstico e exemplifica a boa relação independentemente das condições de saúde individual.

É importante destacar que, desde a década de 1980, o Brasil tem enfrentado desafios significativos relacionados à epidemia de AIDS, mas também tem implementado políticas progressivas para lidar com o problema. Essas medidas

²³ **Diana, Princesa** de Gales (nascida **Diana** Francisca Spencer, em inglês: **Diana** Frances Spencer; Sandringham, 1 de julho de 1961 – Paris, 31 de agosto de 1997), conhecida também como **Lady Di**, foi uma aristocrata e filantropa nascida no Reino Unido.

contribuíram para reduzir a taxa de novas infecções e melhorar o acesso ao tratamento e à assistência médica para pessoas vivendo com HIV/AIDS no país.

O Programa Nacional de DST/AIDS: O Brasil possui o Programa Nacional de DST/AIDS, criado em 1985. Ele tem como objetivo prevenir a disseminação do HIV, garantir o acesso a tratamentos, oferecer apoio aos pacientes e promover educação e conscientização. O programa envolve parcerias entre o governo, organizações da sociedade civil e organismos internacionais. O governo brasileiro começou a responder à epidemia de AIDS em 1983, quando foram estabelecidos os primeiros programas de controle da doença. Em 1985, foi criado o Programa Nacional de DST/AIDS, que teve um papel fundamental no enfrentamento da epidemia e na implementação de políticas de prevenção e tratamento.

Observando essas ações então é claro que naquele momento havíamos entendido a gravidade e a necessidade de expandir o conhecimento sobre o tratamento do vírus? O jogo aqui trata-se da vinculação das informações, afinal com várias instâncias produzidas no campo da organização do governo, a sociedade conforme entendemos ainda não respondia de forma positiva sobre os avanços, podemos entender então que isso se dá para além das amarras de problemáticas ligadas a saúde ou e a importância de melhor qualidade e vida. Poderia ser então uma necessidade de aprovação em outros campos, como por exemplo, a religião? Seria esse um aspecto tão poderoso que levaria a essa resistência?

Muitas religiões adotam uma postura de condenação em relação à homossexualidade, baseando-se em interpretações de textos sagrados que consideram a prática como pecaminosa ou contrária às leis divinas. Essas visões tradicionais têm alimentado estigmas, preconceitos e discriminação contra homens gays dentro das comunidades religiosas. A relação entre a homossexualidade e a religião tem sido um tema de grande controvérsia e desafios ao longo dos anos. Enquanto a diversidade sexual e de gênero têm ganhado maior reconhecimento e aceitação social, muitas religiões mantêm posições diversas sobre a questão. Alguns indivíduos podem escolher se afastar das instituições religiosas tradicionais, buscando sua própria espiritualidade fora desses contextos. Eles podem encontrar comunidades espirituais inclusivas, adotar

práticas espirituais individuais ou se envolver em movimentos espirituais progressistas que abraçam a diversidade.

Essa exclusão ou repulsa gera o falta de dialogo adequado, utilizado assim como mecanismo de controle, a identificação sobre as práticas sobre a sexualidade ser um problema na ótica religiosa leva muitos indivíduos a permanecerem “dentro do armário” na esperança de se encaixar adequadamente no parâmetro perpetuado como correto (heterossexual). As variações das ações podem ser entendidas até mesmo nas entrelinhas, conforme é possível observar no Jornal O Globo, edição de 27 de julho de 1994, pagina 12, com a manchete “Papa assegura que sexo não é tabu para Igreja”, o texto então se propõe a informar a visão da igreja, nesse exemplo a igreja católica sobre a expressão da sexualidade, porém nesse breve relato fica claro quando “Mas o líder de 960 milhões de católicos em todo mundo reiterou que a Igreja só aprova as relações heterossexuais dentro do matrimônio.” Colocando aqui vários grupos sociais fora da “boa visão” da igreja, reforçando assim o estigma de certo ou errado.

Em relação à fé, há sempre uma polarização de amor e ódio. O ódio se dirige não somente àquilo em que não acreditamos, mas principalmente àqueles que não compartilham da mesma fé que temos. Por isso, a “intolerância emocional é uma consequência inevitável da fé” (HELLER, 2004, p. 49).

Portanto essa identificação fica clara no sentido de pertencimento ou não, ou quais sentimentos regem essas relações, conforme identificado acima HELLER não afirma sobre a fé religiosa, mas podemos reflexionar sobre a mesma, ódio ou amor seriam esses fios condutores para legitimar essas relações no âmbito religioso?

A questão da interpretação bíblica em relação à homossexualidade é complexa e há diferentes perspectivas entre estudiosos e teólogos. A Bíblia contém passagens que têm sido usadas tanto para condenar quanto para aceitar a homossexualidade. É importante ressaltar que diferentes tradições religiosas têm interpretações variadas dessas passagens. A seguir, apresento algumas das passagens bíblicas mais discutidas sobre o tema:

Levítico 18:22 e 20:13 (Antigo Testamento): “22 Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é. 23 Nem te deitarás com um animal, para te

contaminares com ele; nem a mulher se porá perante um animal, para ajuntar-se com ele; confusão é.” ... Essas passagens afirmam que deitar-se com uma pessoa do mesmo sexo é considerado uma abominação. Elas são frequentemente citadas para condenar a homossexualidade.

Romanos 1:26-27 (Novo Testamento): "26 Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. 27 Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros." ... Nessa passagem, o apóstolo Paulo menciona as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, descrevendo-as como contra a natureza e impuras.

Na obra Daniel A. Helminiak, *O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade* o autor trabalha justamente esses tópicos representados como verdade ou necessidade de punição severa;

“Consideramos primeiro a pena de morte. Ela é realmente severa. Mas o Levítico condena aquele que amaldiçoa os próprios pais à mesma pena. Outros pecados sexuais merecem a pena de morte: adultério, incesto e bestialidade. A lei do Levítico considerava todos estes crimes como muito sérios – mas por motivos diferente.” (HELMINIAC, 1998, p. 47 e 48)

O entendimento sobre as interpretações da então esse tom de intencionalidade na formação sobre qual caminho é importante ser adotado na concepção da construção do papel social religioso em frente ao grupo homossexual, questões essas apontadas de forma que abrangem somente o reforço do discurso de incorreto e não aprovado por Deus, mas esquecemos que a escolhas textuais e de interpretação são constituídas da necessidade condução sobre a ideia, pensamento e poder que abordamos, para o autor fica claro esse posicionamento.

É importante notar que, além dessas passagens, existem muitos outros versículos bíblicos que são relevantes para a compreensão das questões de sexualidade e ética sexual, bem como a mensagem central do amor e compaixão. Além disso, é necessário considerar o contexto histórico, cultural e linguístico em que essas passagens foram escritas. As interpretações dessas passagens variam amplamente entre as denominações religiosas. Algumas interpretam esses textos como condenações absolutas da

homossexualidade, enquanto outras defendem uma abordagem mais inclusiva, argumentando que a compreensão da sexualidade e dos relacionamentos mudou ao longo do tempo. É recomendado buscar orientação de líderes religiosos e estudiosos respeitáveis, bem como realizar uma reflexão pessoal para desenvolver uma compreensão informada e fundamentada sobre essa questão.

Verificado assim essa forte corrente religiosa que nos constitui podemos entender um pouco mais sobre o preconceito e repulsa que foi construído sobre os pacientes diagnosticados com HIV/AIDS, porém acredito ser importante avaliarmos outros aspectos, voltando um pouco o pensamento para como naquele momento estava a formação do estado brasileiro, lembrando que os primeiros casos aconteceram justamente ao período final da Ditadura Civil Militar, acredito ser importante atrelar esse momento da nossa historia por três motivos, visão sobre os direitos de existir, garantias sobre a liberdade e principalmente o respeito com a condição humana.

A ditadura civil-militar no Brasil foi um período autoritário que durou de 1964 a 1985. Esse regime teve início com um golpe de Estado que derrubou o presidente democraticamente eleito João Goulart e estabeleceu um governo militar no país. O regime se caracterizou por repressão política, censura, perseguição a opositores, tortura e violações dos direitos humanos. A oposição política e movimentos sociais foram duramente reprimidos. Muitos opositores ao regime foram presos, torturados e mortos, incluindo militantes de esquerda, sindicalistas, estudantes e intelectuais. A tortura era amplamente praticada pelos órgãos de segurança do Estado, como o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e o Centro de Operações de Defesa Interna (CODI²⁴).

Além da repressão política, a ditadura programou um modelo econômico desenvolvimentista, conhecido como "milagre econômico", que buscava promover o crescimento acelerado do país. Esse modelo privilegiou setores industriais, incentivou a entrada de investimentos estrangeiros e aumentou a concentração de renda, gerando desigualdades sociais. Chegou ao fim em 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves para a presidência. Seu vice-presidente, José Sarney, assumiu o cargo após a

²⁴ Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna foi um órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante a ditadura que se seguiu ao golpe militar de 1964.

morte de Tancredo Neves e deu início a um processo de redemocratização gradual. Em 1988, foi promulgada uma nova Constituição que restabeleceu a democracia no Brasil. Desde então, o país tem vivido um regime democrático, com eleições regulares e respeito aos direitos humanos.

Conseguimos encontrar diferença entre os tons de manchetes sobre esse assunto utilizando dois exemplos, primeiro: “Militares não têm direito de exercer tutela sobre o País” publicado em 25 janeiro 1987 no jornal O Globo que traz esse título entre aspas e uma matéria de folha inteira justificando o porquê ainda é importante que os militares controlem a política brasileira, utilizando aqui no título um jogo de palavras para chamar a atenção e também confundir seus leitores e claramente conduzir o pensamento ainda para a manutenção da ideia de militarismo igual a ordem e necessidade social. Segundo exemplo vem do mesmo jornal, porém foi publicado em 03 janeiro de 1999 “A multinacional da repressão – Inquérito sobre Pinochet traz à tona a sinistra organização que uniu ditadura do Cone Sul.” Importante notar que a intenção entre uma publicação e outra é produzir reflexões diferentes, postando a segunda em um local de “precisamos entender o que aconteceu” e criticar como foi as articulações que nos levaram a “permitir” que fosse esse o modelo a seguir.

Samantha Viz Quadrat no texto “As Fases da Repressão nos Países da América Latina” publicado em 2001 Revista de História²⁵ da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES faz o seguinte “resumo” que nos possibilita entender brevemente o processo durante os anos de 1964 a 1985;

“A repressão no Brasil, assim como nos demais países, teve início imediatamente após o golpe e estima-se que nesse período cerca de 50 mil pessoas tenham sido presas e algumas já torturadas. No entanto, podemos observar que à medida que o Estado ditatorial se consolidava a ação de repressão era cada vez mais seletiva. Nesse sentido, é possível estabelecer a seguinte periodização: o primeiro período – compreendido entre os anos de 1964 e 1968 -, marcados por possibilidades de retorno ao Estado de Direito, mas em que a tortura já era usada, principalmente

²⁵ *Dimensões – Revista de História da Ufes* é um veículo de divulgação científica de periodicidade semestral voltado para a publicação de artigos inéditos e resenhas de autoria de mestres, doutorandos e doutores. Os artigos são agrupados em dossiês ou temas livres. A revista se encontra classificada como A2 no Qualis de periódicos elaborado pela Capes (2017-2020).

pelo DOPS ²⁶e pelo CENIMAR²⁷. Essa fase culminou com o fechamento do regime através da edição do AI-5 em 1968. O segundo momento situa-se entre os anos de 1968 e 1974, quando o regime se radicalizou e a violência assolou o país. O último período, entre os anos de 1974 até 1985, caracteriza-se pela progressiva saída dos militares do poder e os obstáculos criados pelos grupos de repressão contrários ao retorno da democracia ao país.” (QUADRAT, 2001,p.198).

Precisamos então entender como diante de tanta repressão foi possível resistir e articular fundamentos que podemos entender como movimento contrário principalmente ligados aos direitos sobre a luta a favor dos direitos civis dos grupos LGBTQIA+ mais em específico de homens gays com ou sem o “potencializador” “caracterizante” HIV/AIDS.

O *Lampião da Esquina* foi um jornal brasileiro de circulação nacional, fundado em 1978, que teve um papel fundamental na luta pelos direitos LGBTQ+ e na divulgação de pautas relacionadas à comunidade LGBT. Com uma proposta editorial progressista e pioneira, o periódico buscava trazer visibilidade, informação e promover a conscientização sobre a realidade e os desafios enfrentados pelos LGBTs no Brasil. O jornal foi uma iniciativa de um grupo de ativistas e escritores LGBTQ+, liderados por João Silvério Trevisan²⁸, que desejavam criar um espaço de expressão e debate para a comunidade LGBT.

Além de trazer reportagens e artigos informativos, o jornal também publicava contos, poesias, ensaios e entrevistas com personalidades relevantes para a comunidade LGBT. Muitos artistas, escritores e ativistas encontraram no *Lampião da Esquina* um espaço para expressar suas ideias, experiências e lutas. Apesar de enfrentar dificuldades e censura, o *Lampião da Esquina* teve um papel importante na construção de uma consciência coletiva em relação aos direitos LGBT. O jornal contribuiu para a formação

²⁶ O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 30 de dezembro de 1924, foi um órgão do governo brasileiro utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde na Ditadura Militar.

²⁷ O Centro de Informações da Marinha (CENIMAR) criado em 1957 pelo Decreto nº 42.688 com a finalidade de obter de informes de interesse da Marinha do Brasil, integrou essa rede de repressão e espionagem.

²⁸ JOÃO SILVÉRIO TREVISAN nasceu em 1944 em Ribeirão Bonito, São Paulo. Além de escritor, é roteirista e diretor de cinema, dramaturgo, tradutor e jornalista. Recebeu três vezes os prêmios Jabuti e APCA -- Associação Paulista de Críticos de Artes. Sua obra foi traduzida para o inglês, alemão, espanhol, italiano, polonês e húngaro.

de um movimento de resistência e visibilidade, que culminou na criação de diversas organizações e movimentos pelos direitos LGBT no Brasil. Infelizmente, devido a pressões políticas e financeiras, O Lâmpião da Esquina teve sua circulação encerrada em 1981.



Marcio Leopoldo Gomes no texto "Será que ele é? sobre quando Lâmpião da Esquina colocou as cartas na mesa" publicado em 19 de junho 2006 (Programa de Estudos Pós-Graduados em História/PUC-SP) propõe justamente essa discussão da importância de uma ferramenta a nível nacional que dava essa possibilidade de comunicação feita por pessoas dentro dos grupos para a leitura de pessoas dentro dos grupos da comunidade LGBTQIA+.

“Escrever um jornal para homossexuais”, segundo a ótica dos próprios homossexuais, ampliava a potência das forças capazes de destruir essa imagem padrão, aproximando-os de duas outras figuras muito valorizadas culturalmente: a figura do escritor e do leitor. Lâmpião da Esquina permitia aos homossexuais desfilarem, em forma de jornal, pelas ruas das cidades à luz do sol, ligados não mais à imagem de

malditos e frustrados, mas de eruditos e bem informados. Escrever era uma forma de “dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele.” (Bandeira, 2006, p.37)

Thasio Fernandes Sobral em "Movimentos homossexuais no jornal Lampião da Esquina (1978-1981)", publicado em 10 de agosto 2021 (Programa de Pós-Graduação em História / UFBA) faz um reforço sobre a constituição de ideias de resistência corroborando com as ideias de organização, importante lembrar que estamos falando de organizações anteriores aos casos de HIV/ AIDS, mas mostra o potencial organizacional que era movimenta do sobre as pautas que afligiam os grupos LGBTQIA+

“Antes da realização do I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), que ocorreria conjuntamente com o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), aconteceu uma reunião prévia em 16 de dezembro de 1979, documentada pelo Lampião da Esquina na primeira edição do ano de 1980, a edição 20, que também seria o debute da seção Ativismo. A capa da edição de “estrela” dava destaque para matéria principal No Rio, o encontro nacional do povo guei sem fotos, com apenas o nome escrito em caixa baixa em branco em oposição ao fundo totalmente azul.” (Sobral, 2021, p.112)



FIGURA 3. Capa da edição 20 do Lampião, a primeira com a seção Ativismo.
Fonte: LAMPIÃO. Rio de Janeiro, n. 20, jan. 1980.

Com essa base estruturada e a notificação dos casos de HIV/AIDS, a consequência social e midiática chegamos na década de 1990 com várias movimentações organizadas buscando os direitos, o diálogo, a consideração social dentro e fora da comunidade, não somente como um veículo de comunicação, mas também capaz de discutir assuntos que eram imputados no nosso cotidiano.

ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos) é uma organização que atua na defesa dos direitos e na promoção da cidadania da comunidade LGBTQIA+ no Brasil. Fundada em 1995, a ABGLT é uma das maiores e mais antigas entidades nacionais voltadas para a causa LGBTQIA+. A missão da ABGLT é articular e fortalecer os grupos e organizações em todo o país, promovendo ações e iniciativas que visam garantir a igualdade de direitos, combater a discriminação, a violência e o preconceito, buscando influenciar a formulação e implementação de políticas públicas que atendam às demandas e necessidades da comunidade.

As Paradas LGBTQIA+ no Brasil têm uma história marcante de luta, visibilidade e celebração da diversidade. A primeira parada gay registrada no país ocorreu em 28 de junho de 1997, em São Paulo, e foi chamada de "Parada do Orgulho GLBT". Essa data foi escolhida em referência aos eventos de Stonewall²⁹, ocorridos em Nova York, em 1969, considerados marcos no movimento pelos direitos. A primeira edição reuniu cerca de 2 mil pessoas e contou com uma marcha pelas ruas da cidade, seguida por um evento de celebração e conscientização. As Paradas Gay têm sido um importante espaço de afirmação, onde a comunidade LGBTQIA+ e seus aliados se unem para expressar sua identidade, reivindicar direitos, protestar contra a homofobia, a transfobia e a discriminação, e celebrar as conquistas alcançadas. Esses eventos têm uma atmosfera festiva, com desfiles, carros alegóricos, shows, performances artísticas e atividades culturais.

²⁹ Stonewall é um termo frequentemente usado para se referir aos eventos ocorridos em junho de 1969 no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Nova York. Esses eventos são considerados um marco importante na luta pelos direitos LGBTQIA+ e são amplamente reconhecidos como o ponto de partida do movimento moderno de libertação gay.

Assentando nosso assunto junto a historiografia, nossas preocupações com os sujeitos diversos, não podemos deixar e evidenciar que as luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ esta ligada diretamente aos direitos sobre o feminino como existências, importante evidenciar que temos pautas diferentes, mas temos coincidências no que diz ao campo da necessidade de ampliação de reafirmação de existência. Essa ligação é otimamente verificada com o apoio que é de fácil entendimento no ponto de que sofrer sobre as mazelas sociais que inviabilizam nossa existência pode ser e dever um ponto que liga tais movimentos, buscando justamente a possibilidade de “ser”.

“Não tenho dúvidas quanto à legitimidade ao que temos feito, no campo da História, para fazer as mulheres “existir, viver e ser”... No caso do Brasil, a expressiva e identificável produção de conhecimento sobre as mulheres, no decorrer de quatro décadas, compõe uma área de estudos que se encontra reconhecidamente definida. Desde 1989, quando a Revista Brasileira de História publicou o dossiê “A mulher no espaço público”, organizado por Maria Stella Martins Bresciani³⁰, aos dias de hoje, as brasileiras ganharam visibilidade e dizibilidade historiográficas, apesar e por conta das recusas e preconceitos que ainda cercam o tema e a área de estudos.” (Muniz, 2018, p. 149)

Ligando assim a teoria QUEER é um campo de estudos que se originou nas décadas de 1980 e 1990, no contexto dos estudos culturais e dos estudos de gênero. Ela desafia as normas tradicionais de gênero e sexualidade, questionando a ideia de que existem apenas duas categorias fixas e imutáveis de gênero (masculino e feminino) e de orientação sexual (heterossexualidade), propondo que a identidade de gênero e a orientação sexual são construções sociais e históricas, influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo cultura, política e poder. Ela critica a ideia de que a heterossexualidade e a cisgeneridade (identificação com o gênero atribuído ao nascer) são normas naturais ou universais

Essa ligação é considerada em “Gênero e sexualidade sob a perspectiva dos estudos feministas e queer: notas sobre as contribuições de Judith Butler e Paul B.

³⁰ Trata-se da Revista Brasileira de História, órgão oficial da Associação Nacional de História, organizada por Maria Stella M. Bresciani, e editada pela ANPUH/Marco Zero, São Paulo, v. 9, n. 18, Ago. 1989/ Set. 1989.

Preciado em 20 de março de 2023 (UFU - Universidade Federal de Uberlândia / Caderno Espaço Feminino), artigo escrito por Carla Miucci Ferraresi de Barros e Fabrício Marçal Vilela atrelando esse dois polos e discutindo as formas de ligação que consistem:

Guacira Lopes Louro, lendo Judith Butler e Eve Sedwick, escreveu que o “Queer pode ser traduzido por estranho, ridículo, talvez excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais e trans”. (LOURO, 2004, p.38)”

No Brasil, podemos fazer equivalência de queer com as expressões “viado”, “bicha”, “baitola”, “sapatão” e “traveco”, que servem de injúria contra dissidentes de gênero. E quais os objetivos da teoria queer? Segundo o sociólogo brasileiro Richard Miskolci:

(...) Teoria Queer é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem, em especial no menor reconhecimento político e de direitos daquelas pessoas cuja sexualidade e/ou o gênero entram em desacordo com as normas sociais. (...) Em outras palavras, as reflexões queer afirmam que a ordem política e cultural da heterossexualidade compulsória garante os privilégios políticos, culturais e até econômicos daqueles/as que vivem dentro de suas prescrições.(MISKOLCI, 2014, p.9). – (Barros, Vilela, 2023, p 182 e 183).

É importante destacar que a resistência LGBTQ+ no Brasil é diversa e abrange uma ampla gama de vozes e experiências. Não podemos assim alocar uma questão somente como loco de uma problemática de saúde para caracterizar ou estigmatizar um grupo, não podemos categorizar homens gays como vetor, não podemos fazer adjetivo de uma necessidade de existência, precisamos justamente entender as necessidades que nos dividem para assim atender o que de fato é relevante para a existência digna do individuo como cidadão dotado de direitos, necessidade, possibilidade e continuações sobre o existir.

CONCLUSÃO

Sendo assim conforme podemos acompanhar durante os pontos abordados a problemática do indivíduo gay é ligada diretamente aos preceitos religiosos, desta forma o que é transportado para a visão em sociedade fica confusa, pois vivemos em um país com fortes raízes religiosas, devemos assim questionar qual a necessidade de se acreditar que a liberdade o outro influi de maneira prática em nossas vidas, como o comportamento sexual de terceiros podem “acabar com a sua família”? Compreender que as nossas decisões de vida pessoal, não podem incidir no que é benéfico para nossa sociedade.

É importante lembrar que as atitudes e ações individuais podem variar amplamente dentro de uma religião. Enquanto algumas pessoas podem adotar uma abordagem de compaixão e apoio, outras podem se apegar a visões estigmatizantes ou discriminatórias. É essencial promover o diálogo e a compreensão entre as pessoas de diferentes perspectivas religiosas, com o objetivo de reduzir o estigma, melhorar o acesso à prevenção e tratamento do HIV/AIDS e promover uma sociedade mais inclusiva e acolhedora para todos.

A conclusão sobre o HIV em relação à política brasileira é um assunto complexo e multifacetado. O HIV/AIDS é uma questão de saúde pública e política, e a forma como um país aborda essa questão pode ter um impacto significativo na prevenção, tratamento e qualidade de vida das pessoas afetadas. O acesso ao tratamento do HIV/AIDS é um aspecto crucial na política brasileira. O país possui um sistema público de saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS), que fornece gratuitamente medicamentos antirretrovirais para todas as pessoas que vivem com HIV/AIDS. Essa abordagem tem sido reconhecida internacionalmente como uma conquista significativa, garantindo o acesso ao tratamento e melhorando a qualidade de vida das pessoas afetadas, porém é importante ressaltar que ter a possibilidade do tratamento não garante que de fato ele seja possível, precisamos pensar muito sobre as condições de vida dos indivíduos e como os mesmos são informados dessas possibilidades de tratamento.

No entanto, ainda há desafios a serem enfrentados para combater o estigma, melhorar o acesso aos serviços de saúde e atender às necessidades das populações mais vulneráveis. É fundamental que a política continue evoluindo e se adaptando para garantir a prevenção e o tratamento efetivos do HIV/AIDS no Brasil.

É de extrema importância continuar refletindo e pensando sobre o HIV em 2023 por várias razões, prevenção e educação contínuas, acesso aos tratamentos, abordagem das populações vulneráveis e pesquisa e inovação sendo fundamental para avançar no combate ao HIV/AIDS. Pensar sobre o vírus em 2023 nos leva a considerar os últimos avanços científicos, como novos métodos de prevenção, terapias mais eficazes e a busca pela cura. Também podemos refletir sobre as implicações éticas e sociais da pesquisa relacionada ao HIV/AIDS e promover o engajamento público nessas discussões. Em suma, pensar sobre o assunto em 2023 nos mantém atualizados, conscientes e engajados na luta contra o vírus é uma oportunidade de refletir sobre os desafios e oportunidades que enfrentamos atualmente e buscar soluções inovadoras para prevenir novas infecções, melhorar o acesso ao tratamento e apoiar as pessoas afetadas pelo HIV/AIDS.

FONTES

Roda Viva, Roda Viva Retrô | AIDS | 1987. YouTube, 2 de nov. de 2017.
https://www.youtube.com/watch?v=yfK0qbM5CKQ&ab_channel=RodaViva

Roda Viva, Roda Viva | Drauzio Varella | 28/11/1994. YouTube, 13 de abr. de 2016.
https://www.youtube.com/watch?v=QsNZhZ66jm4&ab_channel=RodaViva

Roda Viva, Roda Viva | Drauzio Varella | 04/12/1995. YouTube, 30 de mar. de 2016.
https://www.youtube.com/watch?v=E82p-BH0RGI&ab_channel=RodaViva

FM-UnB Faculdade de Medicina, HIV/AIDS: Políticas Públicas, YouTube, 21 de set. de 2022. https://www.youtube.com/watch?v=DWnLoZxQJgA&ab_channel=FM-UnBFaculdadedeMedicina

TVANOS90, Ministério da Saúde. Campanha Carnaval Bota Camisinha. YouTube, 27 de abr. de 2022.
https://www.youtube.com/watch?v=USsvSZuVEfA&ab_channel=tvanos90

80E90EMRECIFE, Ministério da Saúde, Camisinha Bráulio 1. YouTube, 23 de fev. de 2017. https://www.youtube.com/watch?v=y05qKarnR8s&ab_channel=80e90emRecife

80E90EMRECIFE, Ministério da Saúde, Camisinha Bráulio 4. YouTube, 23 de fev. de 2017.
https://www.youtube.com/watch?v=jVGL2Emo_R8&ab_channel=80e90emRecife

UFU, PPGHI (Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia), A epidemia de hiv-aids nos anos 80: historiografia, memória e novos trajetos de pesquisa. YouTube, 19 de abr. de 2023.
<https://www.youtube.com/live/jM3x-skhb7s?feature=share>

ROCHA, Lucas. Dezembro Vermelho: veja 15 filmes que abordam perspectivas sobre HIV e Aids. CNN Brasil. 03/12/2021 <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/dezembro-vermelho-veja-15-filmes-que-abordam-perspectivas-sobre-hiv-e-aids->

https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas

DUMAR, Deborah, A favor, com muito amor à vida, Grande Rio, Rio de Janeiro, 19, Julho de 1987. Segundo Carderno. Disponível em: <URL>. <https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net>

DUARTE, Leneide. Geração Camisinha, Preservativo transforma-se em ícone dos adolescentes, mas a maioria ainda não sabe usá-lo, O Globo, Rio de Janeiro, 16, Junho de 1996. Disponível em: <URL> <https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs>

BIBLIOGRAFIA

Bandeira, Marcio Leopoldo Gomes. Será que ele é? sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARRA, LUIZ ALBERTO COSTA. BEDAQUE, ELENI APARECIDA. BORNSTEIN, MARTINELLI, FABIO LEONCIO BORNSTEIN. MACEDO, AUDREY EGYPTO. JR, RENATO CURTI. HANNA, RICARDO. Pneumonia por “Pneumocystis carinii”: forma tumoral. 2000. Pagina, 149 a 152

https://cdn.publisher.gn1.link/jornaldepneumologia.com.br/pdf/2000_26_3_10_portugues.pdf

Acessado dia 25/04/2023

BARBOSA, Alessandra Marcelina. Violência silenciosa: as transformações comportamentais dos homens, sobretudo dos homossexuais (Uberlândia – advento do século XXI). 2003. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

Barros, C. M. F. de, & Vilela, F. M. (2023). Gênero e sexualidade sob a perspectiva dos estudos feministas e queer:: notas sobre as contribuições de Judith Butler e Paul B. Preciado. Caderno Espaço Feminino, 35(2), 172–190. <https://doi.org/10.14393/CEF-v35n2-2022-12>

Busin, Valéria Melki. Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Cordeiro, Rogério Guimarães Frota. Conhecimentos, Crenças, Opiniões E Conduta Em Relação à Aids De Estudantes Do Segundo Grau De Escolas Estaduais Do Município De São Paulo, 1993. 1994

Corrêa, Anderson Rodrigues. No Escuro Do Cinema... Sobre HIV/AIDS, Gênero E Sexualidade Em Filmes Hollywoodianos. 2007.

Cunha, Myriam Siqueira da. O Impacto Da AIDS Nas Relações Sociais Dos Profissionais De Saude: O Estigma, a Impotencia E O Medo Da Morte. 1997.

FAGUNDES, Flávio Rezende. Av. João Naves de Ávila, um duplo sentido para a tolerância. 1998. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1998.

Ferraz, Luiz Marcelo Robalinho, A doença no Jornalismo: análise do noticiário de capa da revista Veja (1968-2014), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019 Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-858320190.76-98>

Garcia, Roberto. A Experiência De Estigma E Discriminação Em Homem Que Faz Sexo Com Homens (HSH) Vivendo Com HIV. 2012. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15115/1/Roberto%20Garcia.pdf>

Goffman E. Estigma. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 1988.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 11º de. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

JBH Góis, SV Quadrat, JJV de Sousa - Revista Gênero, 2008 - periodicos.uff.br

LIMA, Vitor Venancio Pires Carvalho. A negação de rótulos e fatores associados como parte do estigma sofrido por homens que fazem sexo com outros homens no Brasil. 2019. 179 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38463>

Muniz, D. do C. G. (2018). Sobre História e Historiografia das Mulheres. Caderno Espaço Feminino, 31(1). <https://doi.org/10.14393/CEF-v31n1-2018-8>

Pinheiro, Thiago Félix. Camisinha, Homoerotismo E Os Discursos Da Prevenção De HIV/aids. 2015. Pag 70 - 75 e 140 – 153

QUADRAT, Samantha Viz. As faces da repressão nos países da america latina, in Dossiê: Autoritarismo, repressão e memória II. No. 13 (2001). Pag. 196 a 202.

Ribeiro, A. F. (2016). Desnudando a ditadura militar: As revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985). https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_e385075c50eaccf90ffe3ade94d4e552

Santos, Elber José Almeida. A Influência Do Estigma Na Atuação Religiosa Frente Ao HIV/AIDS No Centro Antigo De Salvador. 2013.

SILVA, Felipe Cazeiro da. Histórias posit(HIV)as de gays e pessoas trans: dos estigmas à cidadania. 2019. 174f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

Sobral, Thasio Fernandes. Movimentos Homossexuais No Jornal Lampião Da Esquina (1978-1981). 2019.

Villarinho, Mariana Vieira. Padilha, Maria Itayra. Berardinelli, Lina Márcia Miguéis. Borenstein, Miriam Susskind. Meirelles, Betina Horner Schlindwein. Andrade, Selma Regina. Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença. In: Revista Brasileira de Enfermagem. 2011 <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018>

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm